

# AMORA



Sonia Junqueira  
e Flávio Fargas

## SINOPSE

Amora é uma vira-lata preta, linda e sapeca que tem uma mania incorrigível: por mais broncas que leve, não deixa de abocanhar e puxar todos os objetos que encontra pela frente. Um dia, ao passear com sua dona, essa cachorrinha peralta escapa da coleira e apronta mais uma das suas.

Com roteiro de Sonia Junqueira e ilustrações de Flávio Fargas, este belo livro de imagem tem tudo para agradar aos pequenos leitores. E aos grandes também.

## PALAVRAS DOS AUTORES

### Sonia Junqueira

Ela é assim mesmo — preta e lisinha, sapeca, divertida, um pouco destrambelhada — e tem mania de puxar e carregar tudo o que encontra pela frente: Amora Junqueira, minha querida cadela vira-lata. Esta história, lindamente desenhada pelo Flávio Fargas, mostra bem o jeitinho dela.

E eu sou assim: adoro bichos (tenho gatos, o Fumaça e a Chiquinha, além da Amora), livros, música, cinema, bate-papos com os amigos. Gosto de escrever, de comer coisas gostosas, de chuva, de plantas. Gosto de me divertir, de inventar histórias, e acho que a vida vale a pena e sempre pode trazer coisas boas pra gente.

Nas horas vagas, uma das coisas de que mais gosto é brincar com meus bichos: dou e recebo carinho (traduzido em lambidas e mordidinhas que não doem...), aprendo coisas bonitas — creio, mesmo, que os bichos em geral são muito mais inteligentes e sensíveis e verdadeiros do que pensamos. Por isso, sou grata em poder conviver com eles e homenageá-los em histórias como esta...

### Flávio Fargas

Sou mineiro, de Belo Horizonte. Dei meus primeiros rabiscos ainda criança, mas durante muito tempo trabalhei apenas com *design* gráfico. Meu sonho de ser ilustrador foi ficando meio adormecido, num canto qualquer, esperando, até que, em 2001, entrei na Escola de Belas-Artes da UFMG e redescobri o prazer de desenhar e pintar.

Mas a grande mudança veio mesmo em 2005, quando nasceu minha filha, Sofia. Em seu primeiro ano de vida, eu fiquei apenas cuidando dela, e durante esse período nasceu em mim a vontade de fazer livros para crianças. Foi a escolha mais acertada que eu poderia ter feito: é gratificante saber que posso ajudar uma criança a gostar de ler.

Quando a Sonia Junqueira me convidou para fazer este livro junto com ela e me mostrou as fotos da cachorrinha Amora, eu levei o maior susto: a Amora é muitíssimo parecida com uma vira-lata que eu tive, chamada Firmina Daza, que também era muito, muito sapeca. Por isso, gostei tanto de ilustrar este livro.

# AMORA



Sonia Junqueira  
e Flávio Fargas

## FICHA TÉCNICA

Roteiro: Sonia Junqueira  
Ilustrador: Flávio Fargas  
Formato: 24 x 24 cm  
Número de páginas: 24  
Coleção: *História à vista!*  
ISBN: 978-85-385-2811-1  
Indicação: A partir de 6 anos

# AMORA



Sonia Junqueira  
e Flávio Fargas

“A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.”

ANTONIO CANDIDO

(CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 186.)

“A fruição literária não é um simples ato de consumo, mas uma construção que pressupõe capacitação, experiência. É, pois, necessário deixar de associar a leitura prazerosa à ideia da mera facilidade ou lazer. Na facilidade, não está necessariamente o prazer e, na obrigação, não está necessariamente o desprazer. O prazer pode estar associado à realização.”

LUIZ PERCIVAL LEME BRITTO

(BRITTO, Luiz Percival Leme. Sobre o processo de formação do gosto e a constituição do sujeito leitor. *Prazer em Ler 2*, São Paulo, fev. 2007. p. 26.)

“A literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura — a de “conhecimento do mundo e do ser”, como sugere Antonio Candido, o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. E vai mais além — propicia os elementos para uma emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do próprio saber.”

REGINA ZILBERMAN

(ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 29.)

“... a diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura.”

RILDO COSSON

(COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 35.)

“O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.”

*Parâmetros Curriculares Nacionais*

(BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental — língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.)

# AMORA



Sonia Junqueira  
e Flávio Fargas

## FORMAÇÃO DO LEITOR

### PREPARAÇÃO E MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA

No processo de formação do leitor, o seu papel, professor, é fundamental, especialmente ao procurar atrair o interesse e a curiosidade das crianças. Para motivá-las para a leitura, você pode apresentar o livro, ler um trecho (se for um texto narrativo em prosa ou um texto teatral) ou um dos poemas (se for um livro de poesia), oferecer informações complementares que situem a leitura, criar suspense – quando for o caso – a respeito do final ou da sequência da narrativa, contar uma história que tenha a ver com o texto que será lido ou utilizar outras estratégias que despertem nelas o desejo de ler “aquele” livro em especial.

No entanto, nesse processo, cabe a você não somente o papel de incentivador da leitura mas também de mediador das atividades de compreensão do texto, fornecendo um conjunto de instrumentos de interpretação e de estratégias para que as crianças alcancem progressivamente a autonomia leitora.

A compreensão do que se lê depende também de fatores externos ao texto, como os conhecimentos prévios das crianças. Por isso, é importante sempre incentivá-las a usar os conhecimentos que já possuem – o que sabem sobre o gênero/tipo de texto (como geralmente se organiza e que recursos linguísticos e literários costuma utilizar), o tema e o autor, outros textos que tenham lido, situações que vivenciaram, etc. – para formularem hipóteses sobre o que vão ler ou o que estão lendo.

O levantamento de hipóteses percorre todo o processo de leitura, mas pode ser feito já na exploração prévia do texto/livro, a partir da observação de alguns indicadores: gênero/tipo de texto (narrativa, poema, texto teatral, livro de imagem), organização do texto (partes em que se divide, distribuição no papel, relação entre texto e imagem), autor, título, capa, ilustrações (personagens, cenário, cores, etc.), entre outros. Levantando e checando hipóteses interpretativas, os leitores vão buscando o “fio da meada” que lhes permite construir o sentido do texto que está sendo lido.

Para facilitar a entrada no texto, você pode recorrer a perguntas pedagógicas para orientar seus alunos e apontar caminhos possíveis para a compreensão do que se lê. Considerando o perfil da turma, você pode elaborar perguntas de antecipação (pré-leitura) que ajudarão os alunos a formular hipóteses e a ativar conhecimentos relevantes para a leitura do texto, partindo do que já sabem para descobrirem o que ainda não sabem e construindo uma ponte entre o livro que será lido e o que foi trabalhado anteriormente na sala de aula.

Um recurso valioso que também facilita a entrada no texto é a leitura expressiva, que consiste em dar vida às palavras, em colocar na voz os sentidos do texto, ou seja, em oralizar a interpretação do texto. Ler expressivamente é ler com a entonação e o ritmo adequados, com a modulação da voz, com boa dicção, com as pausas devidas, com naturalidade, com a ênfase correta (um momento de suspense ou de grande descoberta, por exemplo). Por ser uma atividade que consegue chamar a atenção das crianças para a beleza das palavras e também despertar e manter o interesse delas pela leitura, deve ser mais valorizada na escola e praticada com maior frequência.

# AMORA



Sonia Junqueira  
e Flávio Fargas

## EXPLORAÇÃO DA LEITURA

O processo de exploração da leitura tem como objetivo facilitar às crianças a compreensão das características de composição verbal e/ou visual do livro lido.

Cabe a você, professor, fazer perguntas que permitam às crianças compreender que a literatura trabalha com palavras e imagens para criar efeitos de sentido. Essas questões devem ampliar a compreensão do texto literário e despertar o olhar dos alunos para a multiplicidade de sentidos que os textos dessa natureza podem oferecer. Essa é uma excelente estratégia didática, sobretudo para a exploração da leitura daqueles textos que se distanciam muito do nível de autonomia de leitura das crianças. É também importante que os alunos possam interrogar o texto, explicitando os procedimentos que utilizam para lhe atribuir sentido. Assim, você contribuirá, de fato, para a formação do leitor e evitará a fragmentação e a leitura excessivamente pedagógica e escolar dos textos da esfera literária.

Para fazer a ponte entre a etapa de preparação e a exploração propriamente dita do texto, você pode pedir aos alunos que realizem uma investigação prévia da linguagem utilizada, orientando-os por meio de perguntas. Podemos citar como exemplo, dentre tantas outras, estas questões: “O texto foi entendido com facilidade ou não?”, “Existem palavras que geraram dúvidas?”, “Os parágrafos são curtos ou longos?”, “O que aconteceu no início da história?”, “O que determinou que o personagem mudasse de ideia?”. Pode-se também tirar proveito dos efeitos de sentido produzidos pelos sinais de pontuação (onde se localizam os pontos-finais, a que tipo de sentimento se referem as exclamações, que tipo de dúvidas é indicado pelas interrogações e o que sugerem as reticências), para que as crianças comecem a reconhecer e se familiarizar com as funções expressivas desses elementos.

Após essa visualização mais geral do texto, pode-se então passar a aspectos específicos do gênero/tipo de texto ou da narrativa visual (se for um livro de imagem).

Se for um texto narrativo, seus elementos centrais devem ser analisados, como o tempo, o espaço (geográfico, social ou mágico), as relações entre os personagens principais e os secundários, o narrador, entre outros aspectos.

Tomando o cuidado de não transformar a exploração da leitura em uma aula de gramática, pode-se perguntar às crianças se a história é narrada no passado, no presente ou se faz referências a um tempo futuro, instigando-as a comentar como chegaram às respostas dadas. Alguns elementos do texto podem indicar quando ocorre a história, como algumas palavras e expressões (“ontem”, “hoje”, “no mês passado”, “antigamente”, dentre outras), verbos e tempos verbais (“faz”, “está fazendo”, “brinca”, “andou”, “comeu”, “buscará”, “vai buscar”, etc.).

Pode-se explorar o espaço chamando a atenção dos alunos para palavras e expressões que denotam essa ideia e que fazem com que possam construir uma imagem mental do local onde os fatos ocorrem. Como se trata de literatura, os espaços representados nas narrativas devem ser vistos como imagens de ideias, de mundo inventados, de interpretações, seja do escritor, seja da coletividade. Um castelo, por exemplo, é muito mais do que uma construção grande e rica: representa o imaginário dos contos de fadas.

O narrador é uma figura central da narrativa e não deve ser confundido com o autor. É interessante mostrar como o narrador pode se apresentar no texto: pode ser um personagem principal ou secundário, participar da história e contar os eventos em primeira pessoa ou pode estar posicionado fora dos acontecimentos e contar a história dessa perspectiva, como observador somente.

As características dos personagens podem ser reconhecidas a partir da exploração de comportamentos, falas, silêncios, figurino, ações. Para orientar o olhar das crianças, você

# AMORA



Sonia Junqueira  
e Flávio Fargas

pode fazer algumas perguntas, como estas: “Que papel eles desempenham na história?”, “Gostam de brincar?”, “São falantes, calados, alegres, solitários?”, “Vão à escola?”, “Têm amigos?”, “O que sentem?”, “O que pensam?”, “Como se relacionam com os demais personagens (amizade, ódio, amor, solidariedade...)?”. Para ampliar as possibilidades de compreensão e interpretação do texto, você pode pedir aos alunos que façam comparações com outros personagens ou com pessoas que conheçam: poderão dizer, por exemplo, que tal personagem se parece com eles próprios, com a Emília ou com o Menino Maluquinho, que fala como o Lobo Mau, que tem os cabelos brancos como os da avó, etc. É uma estratégia produtiva para perceber como se constrói um personagem. Nessa atividade de associação, entretanto, o texto deve ser o ponto de partida e de chegada. Por isso, é muito importante que você, professor, não deixe as discussões perderem o foco da leitura, partindo para comentários a respeito da vida das crianças ou indo para longe do texto.

Dependendo do gênero, você deve chamar a atenção para diferentes elementos de composição. Na leitura de poemas, deverá orientar o olhar de seus alunos para características como sonoridade, rimas, ritmo dos versos. Mostre para as crianças que a escolha das palavras, na literatura, especialmente na poesia, é cuidadosamente pensada para obter determinados efeitos, sejam de sentido, sejam sonoros, sejam imagéticos, ou todos ao mesmo tempo.

Já no trabalho com o texto teatral, deve-se comentar que a finalidade é a representação cênica e, para tanto, alguns elementos da composição dramática devem ser ressaltados. As crianças precisam reconhecer a semelhança com a narrativa - o texto feito para o teatro também conta uma história, com cenário, personagens e no decorrer de um tempo determinado - e identificar e analisar as rubricas, que são as balizas desse gênero: indicações sobre a cena, como devem ser pronunciadas as falas, como devem se movimentar e se comportar os personagens, seu figurino, seus gestos e outras indicações.

Se o texto for não-verbal, como é o caso dos livros de imagem e das ilustrações que acompanham os textos verbais, outros olhares e percepções devem ser acionados. A composição visual envolve uma técnica (colagem, aquarela, nanquim, xilogravura; cores fortes, tons pastéis, traços finos ou espessos, etc.), escolhida pelo ilustrador para produzir determinados significados e/ou efeitos. A exploração das ilustrações de um livro deve ter como foco a estrutura e a composição e deve contemplar as relações entre texto e imagem, entre título e história narrada, entre personagens e demais elementos da narrativa (espaço, tempo, linguagem, narrador, por exemplo). Para orientar o olhar dos alunos na exploração das ilustrações, você pode recorrer a algumas perguntas, tais como: “Que tipo de elementos visuais demonstra que o espaço é grande ou pequeno, claro ou escuro?”, “Como é possível saber se os personagens estão no campo, na cidade, em casa ou em outros lugares?”, “As imagens revelam aspectos da realidade ou da fantasia?”, “De que forma as ilustrações se relacionam com o texto verbal, ampliando os seus sentidos e enriquecendo a leitura?”.

# AMORA



Sonia Junqueira  
e Flávio Fargas

## EXPANSÃO DA LEITURA

Realizado o trabalho de exploração da leitura, é interessante promover a ampliação dos conhecimentos, impressões, sentimentos e significados que vieram à tona a partir do contato com o texto literário. Nesta etapa, é fundamental que você situe a leitura do livro em um universo mais amplo de expressão, o que pode acontecer de variadas formas.

Um conceito importante nesta etapa é a intertextualidade. Deve-se propiciar às crianças a oportunidade de relacionarem o texto lido com outras leituras que fizeram (diálogo com a própria literatura) e também com outras formas de expressão, como as artes plásticas, a música, o teatro, o cinema, os quadrinhos.

No caso das relações entre textos literários, deve-se desafiar as crianças a estabelecer comparações (busca de semelhanças e diferenças) de alguns aspectos: estilo dos autores (diferentes escritores têm estilos também diferentes, e isso se evidencia nas escolhas que fazem e no modo como compõem seus textos), linguagem, temática, estrutura do texto, características dos personagens, técnica de ilustração, entre outros.

É você, professor, a pessoa mais preparada para perceber as possibilidades de exploração de intertextualidade que sejam mais produtivas para seus alunos, já que cada turma tem sua história de leituras prévias, de vivências culturais, de projetos anteriores de leitura. Enfim, as atividades de expansão da leitura dependerão muito do perfil das crianças, para que elas possam, efetivamente, fazer ligações entre o livro que leram e outros que já conhecem, filmes ou peças de teatro a que assistiram, obras de arte que tenham visto, músicas que tenham ouvido.

Debates, pesquisas e atividades lúdicas (por exemplo, encenações, associações de palavras, ilustrações, jogos, projetos de divulgação na escola e na comunidade) podem enriquecer a compreensão e a interpretação do texto. Obviamente, isso não deve se tornar pretexto para atividades meramente pedagógicas, nem resultar no abandono do texto literário, que deve ser sempre, vale a pena ressaltar, o ponto de partida e de chegada do trabalho com a leitura.

# AMORA



Sonia Junqueira  
e Flávio Fargas

## BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

◆ ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. 8. ed. rev. e atual. São Paulo: Artmed, 2005. p. 179-182.

O trecho recomendado discute o papel da literatura na formação do ser humano e o incentivo, desde cedo, à leitura.

◆ CABRAL, Márcia. A criança e o livro: memória em fragmentos. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira (Org.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papyrus, 1998. p. 151-170.

Dialogando com textos autobiográficos dos escritores Graciliano Ramos e Elias Canetti, esse texto investiga a relação da criança com o livro e com a leitura e ressalta a importância de um bom mediador.

◆ COSSON, Rildo. Aula de literatura: o prazer sob controle? In: \_\_\_\_\_. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 25-30.

Esse capítulo do livro trata das relações entre literatura e escola e dos seus conflitos. É um texto questionador, que pode favorecer a reflexão sobre a sua prática e sobre o ensino de leitura na escola.

◆ KLEIMAN, Angela B. Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor: teorias de leitura e ensino. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; BECKER, Paulo Ricardo (Org.). *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2005. p. 21-41.

De forma bastante didática, a autora apresenta sucintamente as principais teorias relacionadas à leitura, discutindo as suas implicações para o ensino na escola: os estudos do letramento (leitura e prática sociocultural), as teorias linguístico-discursivas (a noção de gênero) e as teorias sociocognitivas (as estratégias de compreensão).

◆ ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 25-30.

O trecho sugerido trata da formação do leitor e das relações entre literatura e escola.

# AMORA



Sonia Junqueira  
e Flávio Fargas

## PROPOSTA DE TRABALHO

### ANTES DA LEITURA

1. Peça às crianças que relacionem o título à ilustração da capa. Incentive-as a descreverem o animal que estão vendo, formulando hipóteses sobre a história que irão ler. Quem é Amora? Como é essa cachorrinha? O que será que ela gosta de fazer? O que sua feição inspira nos leitores? É sapeca, extrovertida, brincalhona, traquinas, meiga, raivosa, etc.? Deixe que os alunos manifestem livremente suas opiniões e impressões sobre a personagem.

2. Pergunte se os alunos se têm animais de estimação, quais são as raças, os nomes, as características e manias de seus bichinhos. Existe diferença entre os vira-latas e os cães de raça no tocante ao tratamento dado por quem cuida dos animais e ao modo como se comportam? Comente que é bastante rotineiro observar animais de estimação dando trabalho para seus donos, seja pela bagunça que aprontam, seja por roerem, morderem ou arrastarem os mais diversos objetos encontrados pela casa. Como os alunos e seus familiares reagem diante das traquinagens?

### DURANTE A LEITURA

1. Percorra novamente as páginas do livro com as crianças e peça a elas que prestem bastante atenção às ilustrações. Elas revelam qual é o passatempo, a brincadeira ou, ainda, a estripulia preferida de Amora? O que deixa a cachorrinha realizada, contente? O que, por outro lado, a entristece? Quando chateada, ela demora a se recuperar? O que faz com que ela se anime novamente?

2. Motive os leitores a realizarem uma observação cuidadosa das feições da cachorrinha nas ilustrações e a relacionarem as suas expressões a cada situação que vivencia, buscando ampliar a percepção que têm de seu comportamento.

Leve-os a perceberem também as diferentes reações de Amora diante dos acontecimentos: a cabeça baixa e a tristeza quando leva bronca do menino (páginas 10 e 11); a alegria e a agitação ao ver algo que possa abocanhar e puxar (página 13, por exemplo); a curiosidade e o esforço para descobrir o que acompanha o pedacinho de pano deixado à mostra (páginas 7 e 14); dentre outras.

3. Peça às crianças que analisem as ilustrações da página 12 e que esbocem uma relação entre Amora e o passarinho. Ao ver a ave solta, livre e voando, que ideia tem a cachorrinha? Trabalhe com os alunos duas possibilidades de leitura (acolha, se forem pertinentes): a de que Amora também deseja a liberdade e, por isso, se solta da coleira; e a de que o passarinho se torna irresistível e Amora tenta capturá-lo. Troquem ideias sobre a razão de os quadrinhos seguintes não revelarem o que acontece ao passarinho e a importância e o papel do leitor de atuar como “coautor”, preenchendo as lacunas deixadas na narrativa.

Pergunte quanto tempo o passeio na coleira pode ter durado. Será que Amora não se adapta à coleira? Assim que ela se aquieta, passeando tranquilamente com sua dona, mais uma estripulia acontece (página 12). Como a dona reage? As artes aprontadas por Amora são bem vistas pelos outros personagens da narrativa?

# AMORA



Sonia Junqueira  
e Flávio Fargas

4. Pergunte aos alunos se o modo como o livro está organizado lembra algum outro material de leitura que conhecem. Relembre-os do formato dos gibis, que contam histórias em quadrinhos, e depois os leve a perceber que a história de Amora também é contada por meio de quadrinhos.

5. Com os alunos, analise o ponto de partida da narrativa – Amora abocanhando um objeto –, comparando-o com o desenrolar da história, no qual a ação inicial é repetida, com o acréscimo da bronca, do passeio na coleira e do encontro entre Amora e a criança, e também com o desfecho, que retoma a ação apresentada no começo. O que essa repetição de traquinagens revela sobre o comportamento da cachorrinha? Recebendo advertências, Amora muda o modo de se comportar? Abra um espaço de discussão com os alunos, deixando-os falar sobre as artes da cachorrinha e como interpretam as ações da personagem. As traquinagens tornam Amora um bicho mau? Ser brincalhona é da sua natureza? Amplie o foco da discussão, perguntando se as pessoas em geral – adultos e, principalmente, crianças – também fazem estripulias sem ter más intenções ou o desejo de desapontar alguém.

## DEPOIS DA LEITURA

1. Proponha aos alunos a leitura do livro *O encontro*, de autoria de Michele Iacocca e publicado também pela Editora Positivo. Nessa história, o leitor se depara com um cachorro que atravessa vários ambientes de uma casa até que, por fim, encontra seu dono. Por onde passa ele deixa sua marca, tirando coisas do lugar e mexendo com as pessoas à sua volta. Ambos os livros mostram os animais interferindo na ordem da casa. O cachorro do livro de Iacocca sai em disparada para encontrar o menino, seu dono e amigo, que está chegando da escola; já Amora quer é abocanhar todos os objetos que encontra pelo caminho.

2. Há diversas produções cinematográficas que apresentam animais de estimação sapecas e seus donos, tais como *Beethoven*, *Garfield* e outros. O filme *Marley e eu*, de David Frankel (2000), destaca-se por ser mais recente. Ele apresenta um cachorro semelhante a Amora, que abocanha todos os objetos que encontra e se realiza a cada nova traquinagem. Seus donos, um casal que tem planos de ter filhos e decide cuidar primeiramente do cachorro, tentam educá-lo, mas não conseguem evitar o comportamento impulsivo do animal. O mesmo ocorre no caso de Amora e sua dona.

Pode-se aproveitar a oportunidade para trabalhar com os textos de apresentação dos autores, que se encontram na última página do livro e nos quais eles falam de seu afeto e de sua relação com os bichos.

Colaboração: Ana Cristina de Aguiar Bernardes e Elis Carrijo Guimarães